

Cruéis paisagens do poder

Robert Moses Pechman

Professor

A desigualdade está inscrita na paisagem urbana. Em qualquer época, em qualquer lugar, sempre que qualquer grupo quis exprimir sua “distinção” em relação aos outros, criou-se paisagens de poder. Nesse sentido, o que se vai aqui fazer é mapear as paisagens do poder, que se impõe à cidade e que se revelam pelo viés das desigualdades e que vão se naturalizando e se legitimando, até se cristalizar como componentes estruturantes da paisagem da cidade. A desigualdade se revela, seja nas feridas, seja nas cicatrizes da cidade e tende a se invisibilizar ao longo do tempo, envenenando o tecido urbano e narcotizando a vitalidade da vida coletiva.

O que vou perseguir, pois, é a desigualdade vista a partir das marcas do poder, que constituem a paisagem urbana e a imposição de sua identidade em detrimento das demais. Trata-se de uma luta pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, como sugere Bordieu. Para se ter um mínima idéia dessa questão em escala nacional, saiba-se que quando se elaborou um mapa da geografia do passado nacional brasileiro, dos 689 bens inscritos na lista de tombamentos entre 1937/1967, foram predominantes os bens representativos da Igreja, os símbolos máximos do Estado, casas de câmara e cadeias públicas, palácios do governo e da prefeitura e bens urbanos ligados ao poder ou a classe dominante. Numa sociedade que fôra escravista por 400 anos não estranha que o patrimônio nacional seja um índice contundente das desigualdades sociais que sempre assolaram o país.

As paisagens da desigualdade, portanto, emolduram nosso cotidiano, embora historicamente, camaleonicamente, tenham mudado de natureza. Não se trata mais só de inscrever nas paisagens urbanas os signos do poder político dos grupos dominantes. Trata-se, agora, sobretudo, de tatuar na pele da cidade as marcas do poder econômico, do poder simbólico, do poder de consumo e do poder do imaginário.

Saiamos, pois, às ruas e vejamos como nesses 450 anos nossa cidade foi sendo apropriada e moldada por uma desigualdade cruel que destituiu a vida coletiva não apenas de seus bens materiais, de seus bens naturais, mas também de sua identidade, de sua cultura, de seu imaginário.

Triste e cruéis paisagens do poder que semeiam na cidade florestas petrificadas.